ANO 5.º — Sexta-feira, 2 de Agosto de 1912 — NUMERO 232

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANÁRIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias)	1$200 réis
Semestre	600 réis
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte	2$500 réis
Avulso	20 réis

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

(*)

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS

Por linha	40 réis
Comunicados	20 réis

Anúncios permanentes, contracto especial.

Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

Ainda o ataque de Chaves

(Depois da carta do meu antigo condiscipulo Maia Magalhães. Um esclarecimento importante.)

Já depois de remetido para o *Democrata* o meu artigo subordinado á epigrafe deste, encontrei no *Seculo* e no *Mundo* uma carta de um meu antigo condiscipulo na Escola do Exercito, o capitão de cavalaria e do Estado-maior, Maia Magalhães, esclarecendo a questão da saída das tropas de Chaves, deixando esta vila quasi desguarnecida.

Este esclarecimento visava principalmente certos boatos que já se acentuavam na massa popular e que davam tal saída como uma traição á Republica.

Efectivamente tambem aqui, no Porto, se comentou essa saída que a todos pareceu inadmissivel, não se esquivando os mais esturrados a dizer claramente que a saída das tropas fôra feita num entendimento com Couceiro, que assim se apoderaria da importante praça sem sacrificio de vidas e munições.

Esta hipotese tomou maior intensidade sabendo-se que o comandante de um dos corpos da guarnição da vila era o tenente coronel Alberto de Oliveira, oficial que ainda ha poucos mêses, pertencendo a cavalaria 9, déra logar a um grâve conflito na praça da Liberdade, por se ter declarado publicamente monarquico por sentimento.

Após este conflito de que os jornaes deram larga noticia, foi o oficial Oliveira transferido para Chaves, o que ainda deu logar a reparos na imprensa, que censurou a colocação de um oficial superior, que acabava de declarar-se monarquico, justamente onde podia, com a maior facilidade, ir para o inimigo e ainda levando consigo aqueles sobre quem a sua elevada patente podesse exercer pressão.

Tudo isto avolumou o boato e a população do Porto sobresaltou-se devéras ao saber que as forças de Chaves haviam saído da praça.

Maia Magalhães vem justificar a saída das forças e fal-o bem, sob o ponto de vista da defêsa de Montalegre, mas eu continuo na minha opinião, agora ainda reforçada por factos que chegam ao meu conhecimento.

Tenho pelo Maia Magalhães, de quem foi contemporaneo aí, no liceu de Aveiro, e condiscipulo na Escola, e de quem sou amigo, a mais elevada consideração e o facto de uma divergencia de opiniões não implica de forma alguma quebra dessa consideração ou amisade.

Diz o distinto oficial do estado maior, depois de judiciosas considerações, que em face das informações colhidas no campo das operações *a situação e interesses provaveis do inimigo, eram fazer uma demonstração sobre Chaves para obrigar as forças da vila a permanecerem ali e entrar entretanto, desembaraçado das forças republicanas, por Montalegre, a dar a mão aos insurrêtos do cabecilha Domingos que operavam já na região de Basto.*

Evidentemente se o comando viu assim as intenções das forças realistas, e como as ordens do comando não se discutem, a saída da coluna estava plena e cabalmente justificada: socorrer Montalegre e impedir a junção das duas colunas.

Mas repito: a uma observação mais serena do comando, este reconheceria imediatamente que Montalegre não podia ser o objectivo de Couceiro.

Escuso de reeditar os argumentos que deixei apontados no meu primeiro artigo, donde resalta a inutilidade de tal base de operações para Couceiro, base inteiramente isolada e sem comunicações que lhe permitissem uma grande rapidez nas manobras, sua principal tática no inicio da campanha para junção das suas forças.

Além disso, o objectivo de Couceiro fosse realmente Montalegre, como se compreende que, ao passo que fazia uma demonstração em frente de Chaves para reter ali as forças da guarnição, desmascarasse intempestivamente o seu plano nesta primeira fase da invasão—o mais importante, sem duvida, por depender do sucésso dele, como se viu, a sequencia da campanha — como se compreende que se desmascarasse tão ineptamente, mandando um *ultimatum* ao Barreiros (outro dos meus velhos companheiros dos bancos da escola) para que se rendesse?

Evidentemente, se Couceiro pretendesse entrar por Montalegre, não faria tal tolice.

Da fronteira a Montalegre são uma duzia de kilometros. De Chaves a Montalegre são uns quarenta.

Cortadas as comunicações telegraficas, Couceiro estava de um salto em Montalegre, de que não se importaria e seguiria pela serra de Larouco a unir-se ás guerrilhas do padre Domingos.

Quando as tropas de Chaves partissem em sua perseguição, já não chegariam a tempo com um atrazo de 60 ou 70 kilometros e com a desvantagem de os invasores terem talvez melhores guias.

Mas Couceiro viu a impossibilidade de atravessar a marchas forçadas os mocissos das serras de Larouco e de Cabreira e o que viu Couceiro, devia tel-o visto o comando superior das forças de Chaves.

O caminho de Montalegre não servia a Couceiro; e o que o comando tomou como demonstração em Chaves para ocupar Montalegre não foi mais do que uma demonstração em Montalegre para tomar Chaves, cuja posse lhe daria superiores vantagens morais e materiaes.

Mas aparece agora um outro facto que vem mostrar ainda como o objectivo de Couceiro era Chaves.

Relata-o o dr. Antonio Granjo na *Capital*.

Dias antes da incursão houve uma tentativa de assalto pelos aliciados de Chaves, ao forte de S. Francisco, onde se encontrava alojada a pouca artilharia republicana.

Essa tentativa frustrou-a uma sentinela vigilante que recebeu os assaltantes a tiro e prontamente soccorrida pela guarda do forte, os pôz em debandada.

O fim do assalto era encravar a artilharia.

Ora, se Couceiro entrasse de surpresa por Montalegre, a artilharia de Chaves só o incomodaria em operações subsequentes; mas a artilharia de Chaves incomoda-lo-ia muito, quando, de regresso de Montalegre para onde êle habilmente a afastára com o engôdo do *ultimatum* ao Barreiros, o encontrasse de posse de Chaves.

E era isso, pois, que se pretendia evitar, encravando-a.

Esta a minha opinião e estou convencido que, se Couceiro hoje fizesse o seu relatorio, êle confirmaria a minha hipotese, sobre o seu plano de campanha, o unico que se me afigura admissivel, nas circunstancias especiais désta invasão.

Humberto Beça.

P. S.—Mais um esclarecimento importante para a minha hipotese sobre o ataque de Chaves acabo de encontrar transcrito no *Seculo* de um jornal hespanhol. E' o relatorio de um oficial realista sobre a incursão.

Sobre a marcha das forças invasoras, diz o referido relatório:

«No dia 6, ás 9 horas, partimos com direcção a Sandim; de ali seguimos para Padornelo, Gralhas e Soutelinho, onde bivacámos. No dia 7 de manhã levantámos o bivaque e marchámos sobre Chaves.»

Em frente da carta da região vê-se, por este relatório, que a coluna realista, sem se importar com Montalegre, em que o relatorio nem sequer fala, tornou esta povoação pelo norte, ameaçando-a simplesmente, para distrair a atenção das forças de Chaves, que não deixariam de vir em seu socorro — o que de facto sucedeu — marchou directamente sobre Chaves ao longo da fronteira e longe da estrada por onde deviam seguir as forças republicanas, e portanto livre de ser incomodada na sua marcha sobre esta praça.

Mais adiante o relatório diz:

«O combate durou 6 horas, *depois de duas marchas forçadissimas.*»

Isto é evidente: Couceiro, ameaçando Montalegre para afastar de Chaves a sua guarnição, atirou-se a marchas forçadas sobre a praça, afim de a ocupar antes da chegada das forças que tinham saído em socorro de Montalegre. E tais marchas foram, *forçadissimas*, como diz o relatório, que tendo Couceiro levantado o bivaque em Soutelinho ás 7 horas, estava ás 8 em frente de Chaves, tendo feito, portanto, com a sua coluna, uma marcha brilhante—*duas leguas e meia numa hora!*

Tal era a certeza de que Chaves cairia em seu poder, sem trocar talvez um tiro.

Depois de mais esta afirmação, agora da parte do inimigo, eu julgo que não póde haver duvidas sobre o objectivo de Couceiro, que iludiu habilmente o comando das forças de Chaves com a sua demonstração de Montalegre e que o erro está justamente em se não ter observado bem, pelas circunstancias que deixei expostas, que a unica base de operações que a Couceiro convinha era Chaves e que portanto a demonstração de Montalegre não constituia uma ofensiva do inimigo, mas era apenas um ataque simulado para iludir as forças republicanas — que se deixaram cair na esparrêla—e ocupar Chaves sem resistencia, deixando ainda os republicanos numa situação bastante critica.

E' o que se chama matar duas lebres de uma só cajadada.

H. B.

Coisas & tal

Culto externo

O sr. governador civil proibiu no domingo a procissão que uma irmandade irecta na freguezia da Gloria pretendia trazer para a rua atendendo assim ás justas reclamações que aqui lhe fôram feitas em tempo, motivadas pela intolerancia reaccionaria.

Bem andou o sr. Ribeiro de Almeida. Depois dos conflitos que teem estádo iminentes e ainda das constantes provocações da *bôa imprensa* aos liberaes désta terra, outra coisa não esperávamos do sr. governador civil a não ser o restrito cumprimento da lei, que não tem sofismas.

Equivoco

Noticiáram os jornaes que D. João de Almeida, no momento de ser preso na fronteira, se achava devidamente armado, trazendo consigo uma espada, pistolas e outros apetrechos de guerra dos quaes foi despojado apenas os seus captores consideraram azada a ocasião.

Compreende-se. D. João de Almeida, que toda a gente supõe que viesse para restaurar o trono de D. Miguel, não era afinal mais do que um *penitente* a caminho dos Santos Martires... de Trassô...

Em almoeda

E' a esta hora pertença dos principaes joalheiros, tanto do país como de fóra, uma grande parte das riquissimas joias da defunta rainha D. Maria Pia de Saboya, que o Banco de Portugal mandou leiloar para rehaver o capital por que estávam empenhadas.

D. Maria Pia era aquéla rainha, que tivémos a desgraça de possuir uma infinidade de anos, vaidosa e altaneira, para quem não havia dinheiro que chegasse, visto como até ao *prégo* recorria quando não obtinha recursos dos cofres do Estado suficientes e em harmonia com a magestade dum país só aparentemente rico, como éla o concebia.

As vendas realisadas montam a mais de 300 contos. Calcule-se por aqui o quanto não teria esbanjádo á nação essa mulher que ao fausto, ao luxo, á opulencia tudo sacrificáva, inclusivé a vergonha de entrar numa *casa de prégo.*

Fala dum chefe

D. João de Almeida ao ser interrogado pelo juiz do tribunal militar de Chaves sobre se sabia de que era acusado, diz que respondeu:

— *Em atenção ás pessoas presentes responderei que este país está fóra das leis do direito das gentes...*

Como tântas outras, é uma opinião digna de registo. Aqui fica como que a atestar o atrevimento dum bandido.

Frei "Chiça,,

Este masmarro, como muitos outros que estão á sombra, não póde fugir á sua sina. Tem a marca na cabeça e é quanto basta.

Com o disfarce e hipocrisia que lhe são peculiares, mas que toda a gente percebe, *Frei Chiça* não deixa de mostrar o seu odio á Republica, chegando até, pelas informações que têmos, na sua maldosa e estupida obsecação, a fazer, nos exames, perguntas, como esta, que êle borda de considerações, que são o retrato da sua alma e da sua cara: *Então Portugal e Hespanha não poderiam formar uma confederação?*

Em seguida á resposta do examinando, o masmarro acrescenta: *Sim; o que tem de ser tem muita força!...*

E' o papão da administração estrangeira de que se serve a clericalha para menoscabar a Republica, mas que no tempo da monarquia dos *adeantamentos* não lhe causava engulhos, porque então a administração do país era uma coisa *modelar...*

O que tem de ser, *Frei Chiça*, para honra do regimen é a Republica pôr côbro a estes desmandos praticados por funcionarios públicos, em edificios do Estado, e ainda a algumas das produções que *ilustram* o celeberrimo *orgão dos taberneiros...*

Isso é que é preciso. Limpêsa e saneamento...

Pouca sorte

Os larapios, aproveitando a ausencia do director de *Os Successos*, roubaram-lhe, a semana passada, de cima da escrivaninha, além duma corrente *double*, medalha, 5 libras e outros objectos, tres vintens em prata.

Sentindo o desgosto porque o nosso amigo Marques Vilar passou, os nossos votos são pelo seu bréve restabelecimento do abalo sofrido...

E' de mais

Consta-nos que a câmara pensa em dar a algumas ruas e praças da cidade os nomes de Barbosa de Magalhães, Maia Magalhães, dr. José Magalhães e Mendonça Barreto, tudo por indicação do seu secretário que, como se sabe, é parente muito proximo dos homenageados.

Desde já protestâmos. Não só por a câmara se transformar em instrumento de quem não é nem póde ser mentôr désta colectividade, cujos membros devem ser autonomos, independentes, mas ainda por se querer transformar esta terra, sob a égide da Republica, numa subordinação que a todo o espirito liberal repugna por vexatoria, deprimente e imoral.

Não póde ser!

O capitão Maia Magalhães e seu irmão, o dr. José Magalhães, são realmente dois homens a quem a Republica e a sua terra, Aveiro, devem alguns serviços, mas estão ainda vivos e nós sômos contra as consagrações que tendam a lisonjear quem quer que seja, susceptivel ainda de podêr enegrecer, num dado momento, todo o seu passado.

Haja vista o que sucedeu com o poeta do *anti-Cristo*, Gomes Leal, que tendo tido uma vida gloriosa de escritor avançado e demolidor, a renegou para se juntar aos adversarios que o estigmatisaram com os mais duros anátemas, isto sem falar no *pulha de Aveiro* e tantos outros que poderiamos citar como exemplos de inconstancia, transformação e volubilidade.

De resto o sr. dr. Barbosa de Magalhães já tem o seu nome consagrado no Asilo-Escola, secção masculina, e a Mendonça Barreto prestou-lhe o partido republicano do districto as homenagens de que a sua morte o tornou credôr, visto como por mais nada se soube impor á confiança dos que não tendo sacrificádo a vida exatamente porque nunca isso lhes foi exigido, contudo se sacrificáram nos seus interesses materiaes, no seu bem estar e futuro, pelo muito que queriam á Patria, pelo muito que queriam á Republica.

Néste assustador crescendo de consagrações, não nos admira que a câmara, ainda e sempre de bom grado a aceitar indicações estranhas, um dia trasija em trocar o nome da cidade pelo de qualquer membro da familia Firmino ou Magalhães, tudo uma e a mesma coisa, como se isto fosse pertença sua, exclusiva, invariavelmente.

Não; não póde ser, não hade ser.

E' de mais!

Dr. Magalhães Lima

Estêve esta semana em Aveiro, com certa demora, o eminente democrata e nosso querido amigo, que já retirou para a capital.

A sua visita foi conhecida de muito poucos, motivo por que reduzidos fôram tambem os cumprimentos que recebeu.

Subscrição

aberta pelo *Democrata* para a compra duma bandeira que, por iniciativa do *Grupo Defeza da Republica de Aveiro*, deve ser ofertáda ao regimento de infanteria 24 aquarteládo nésta cidade:

Transporte........	*35$100*
João de Almeida Freitas, de Macieira de Cambra	*500*
Luis Antonio Marques..	*5$000*
Soma..........	*40$600*

Com o donativo de 5$000 reis, acima descrito, recebêmos tambem do sr. Luis Antonio Marques, a seguinte carta:

... Cidadão Arnaldo Ribeiro

Director de O Democrata

Aveiro.

Felicito-o pela subscrição aberta no seu jornal para a compra de uma bandeira a ofertar ao regimento de infanteria 24.

Eu, acompanhando os sentimentos patrioticos dos meus conterraneos, envio aqui junto cinco mil reis que peço o favor de mandar entregar ao Grupo de Defêsa da Republica, de Aveiro, *para auxiliar, por este meio, tão louvavel iniciativa.*

Subscrevo-me com toda a consideração

De V. etc.

Lisboa, 27—7—1912.

Luis Antonio Marques.

Ao sr. comandante militar

Chega-nos ao conhecimento um facto que pela sua excécional gravidade não podêmos deixar de referir, chamando para éle a atenção de V. Ex.ª, de quem solicitâmos a sua imediata intervenção a fim de restabelecer o direito e a moralidade profundamente ofendidos na pratica dum acto, que, por todas as razões, deve terminar, como o exige a justiça e o proprio decôro militar.

Como tivéssem de ser impedidos nas inspecções militares os medicos das duas unidades aqui aquarteladas e na conformidade do que se acha estabelecido, fôram os medicos milicianos ou de reserva convidados a declarar o preço por quanto desempenhariam todo o serviço clinico nos quarteis durante o impedimento referido.

Os dois medicos consultados, os

srs. Lourenço Peixinho e Pereira da Cruz, declararam por escrito, em proposta fechada, o primeiro que aceitaría tal encargo mediante a retribuição diaria de 1$000 reis e o segundo, seguindo identico processo, declarou desempenhar a mesma comissão mediante o pagamento de 1$500 reis.

Como nós, toda a gente supõe que essa comissão fôsse adjudicada ao facultativo que por menos preço oferecia os seus serviços—o sr. dr. Lourenço Peixinho.

Pois não sucedeu assim!

A execução déssa tarefa foi entregue precisamente áquêle que a fazia mais cara e mais dispendiosa para o Estado, conforme a sua propria declaração—o sr. Pereira da Cruz!!!

E' espantoso, mas é rigorosamente verdadeiro, e por mais que nos esforcêmos em achar a razão justificativa dêste estranho escandalo, não a encontrâmos a não ser que éla represente algum premio a que tenha tido direito o beneficiado, embora com a mais gràve ofensa de tudo que nêste mundo possa ter o nome de justiça, de moralidade e de direito.

Ouvimos que ás justificadissimas reclamações do sr. dr. Lourenço Peixinho, o responsavel do caso tentou explicar a inqualificavel solução dada, servindo-se dumas razões sem base e sem criterio, que este medico aceitou, para, apezar de desconsiderado e prejudicado, não comprometer quem por todos os motivos não se deveria sujeitar ao desempenho de tal missão.

Conhecedores désta ofensa, praticada dentro dum regimen que a não póde tolerar, levâmol-a ao conhecimento do sr. comandante militar para que éla se não mantenha mais uma hora, restabelecendo a justiça e suspendendo parte da verba, que representa um gràve abuso e um inutil despendio sem razão alguma que o justifique.

Em nome da lei, pedimos enérgicas providencias, visto como, sentinélas vigilantes da Republica, não consentirêmos que, á sombra dêste regimen emancipadôr, se cometam as mesmas ilegalidades que era duso praticarem-se na monarquia para favorecer amigos ou apaniguados.

E dito isto não se julgue que de algum modo querêmos favorecer o sr. Lourenço Peixinho, com quem apenas têmos relações de simples cumprimento.

O nosso intuito é outro; é o intuito de aquêles que, não tendo aspirações de qualidade alguma, querem apenas assistir ao restabelecimento da moralidade em Portugal.

Urso Branco, *sátira aos caluniadores*, é um opusculo que acabâmos de receber, oferecido pelo seu autor, José Flôres, que de Lourenço Marques nol-o envia para o *Democrata*. Contém 18 paginas de versos mordentes, causticantes, e de profunda inspiração, que se lêem sem cansaço e se sentem como grandes verdades que expludem dum espirito em revolta contra a podridão social, contra o vicio, contra a infamia.

Infamia!
E' contra ti que eu ergo este vergalho
De justa indignação. E' contra ti que em malho
Na bigorna do Odio e sobre a Eniquidade
Que embota os corações e esmaga a Humanidade.

. . . .

Ao sr. José Flôres os nossos agradecimentos por de nós se não ter esquecido, enviando-nos um exemplar do seu precioso trabalho.

Excursão lisbonense

Pela linha do Vale de Vouga e como continuação duma demorada visita pela região da Bairrada, chegou a esta cidade na noute de domingo ultimo um numeroso grupo de damas e cavalheiros, que, pertencendo á *Sociedade de Propaganda de Portugal*, até aqui vieram honrar-nos com a sua visita.

Na segunda-feira, a bordo da béla lancha a vapor, *Armando*, propriedade do sr. Armando da Silva Pereira e doutro barco de egual sistema pertencente á firma Brandão, Gomes & C.ª, tanto uma como outra amavel e gentilmente postas á disposição dos excursionistas, fôram estes num delicioso passeio até S. Jacinto onde desembarcaram e dali ao forte da Barra, onde dez *charabancs* os aguardavam conduzindo-os ao farol, até proximo da Costa Nova, não permitindo a estrada que avançassem, seguindo depois para Ilhavo, até á Vista Alegre, de visita á velha e acreditada fabrica, dirigindo-se depois a esta cidade, onde magnificamente impressionados com as belezas da paisagem observada, embarcaram para Lisboa, pouco depois, no rapido da noute.

Na impossibilidade de poderem ser acompanhados pelo sr. presidente da câmara, tomou esse encargo o sr. presidente da Associação Comercial que foi prodigo em fornecer todas as informações e detalhes, que a curiosidade dos visitantes exigiu.

Segundo ouvimos os ilustres visitantes não foram satisfeitos na parte respeitante a acomodações de hospedagem.

A eterna lacuna...

Manuel, Miguel & C.ª

E' esta trindade diabolica que se propunha subir aos altares da patria que renegou, mas onde já teve pedestal e aza de imolação.

Quem a não conhece?

Portugal inteiro sabe o que éra esta trilogia satanica, que não vindo do Oriente, terra dos deuses, surdiu na fronteira, donde o povo sabe que não vem, *nem bom vento nem bom casamento*. E para se inculcar messianica, tambem a guiáva um simbolo, um burro, gerado, hibridamente, em Dover e amamentado em Orense e Verin com o leite talassico. No curral que lhe serviu de presepio, não lhe faltaram adoradores de todas as classes, como bispos, padres, medicos, militares, beatos e moços de mulas. Cresceu um bocadinho em ano e meio e se não fazia já milagres, éra todavia a espectação da talassaría que entoava hinos ao seu manipanço.

Mas o mundo, farto de profétas e deuses, riu-se da farçada, passou adiante sem se importar com o espantalho que anunciava a ressurreição de um cadaver, que a nação portuguêsa tinha sepultado e a quem, como a novo Lazaro, queriam dar vida, para o que invocaram o céu e o seu Micael, que não estando para os aturar os mandou... a outra parte.

Armaram-se de bentinhos, êles, *os crentes fervorosos*, mas á cautéla, que o Deus dos exercitos não estivésse para folias, muniram-se de canhões e balasios de todos os calibres, fizéram préces, que não fôram ouvidas para além da zona onde chega um zurro e empunhando o estandarte da mentira e da ladroeira, êles aí veem em som de guerra.

Veem de fóra as hienas e contam cá dentro com os leopardos traiçoeiros. Enganáram-se todos. Nem o céu foi por êles, nem o leopardo saíu dos esconderijos e pela frente encontraram a Patria, que tinham renegado, firme no seu amor ás instituições, que adotou e com os seus filhos todos apostados em a defender. Abençoada gente! Abençoada patria que taes filhos tem!

E a que vinham estes malditos de Deus e dos homens?

Vinham para pôr em fogo a Lamaria portuguêsa, que não os deixou implantar um labaro de mentira e corrução, que envolvia nas suas dobras as seitas que tanto nos oprimiram e vexáram; vinham para nos perder para sempre e riscar o nosso nome do numero das nações!

Vinham praticar as maiores monstrosidades, cobrir de sangue a terra portuguêsa, e de ignominia a historia dum povo glorioso.

E se alguem ha ainda que duvide disto, o que não crêmos, veja as façanhas de Cabeceiras de Basto e terá uma palida ideia da chacina projectada.

Não duvidáram estes malditos imitar os bandidos da Serra Morena, apoiando os trabucos sobre o escapulario ou acendendo vélas á Virgem, para que lhes protegesse o roubo!

Como tudo isto é horrivel! Como tudo isto é triste!

Estrada da Barra á Costa Nova

Estão paralisados os trabalhos que ha tempos as Obras Públicas encetáram para a construção da estrada nova que deve ligar as duas praias e isso nos fôrça a vir pedir ao sr. governador civil para que intercêda junto do govêrno no sentido da obra se concluir o mais depressa possivel, embora o traçado não seja bem aquêle por onde talvez fôsse melhor seguir para evitar o assoriamento.

Quando aqui lançámos a ideia de se abandonar a estrada antiga aplicàndo o dinheiro destinádo á sua reparação a uma outra que não corresse o perigo de todos os anos se deteriorar, julgávamos nós que os encarregados désse serviço, cientes da direcção dos ventos que ali predominam, não levantassem a planta conforme está e foi superiormente aprováda; mas visto que assim é e se lhe não póde dar remedio, sequer ao menos não se deixe inutilisar, por abandono, o que está feito, visto representar algo de trabalho e despezas, que é necessario ter em linha de conta.

Ao sr. governador civil, pois, recomendâmos o assunto.

Rodrigo Soriano

Ainda que muito tarde conhecida a passagem daquêle cidadão por esta cidade com destino ao Porto, muitos dos nossos correligionarios fôram à *gare* da estação onde saudaram o ilustre passageiro com vivas e palmas, erguendo Soriano vivas a Portugal e á Hespanha livre.

Festa republicana

Os nossos correligionarios de Ois da Ribeira, concelho de Agueda, solenisam no proximo domingo o 1.º aniversario da fundação do Centro, com um comicio de propaganda, para o qual fôram convidados varios oradores tanto de lá como de aqui.

O *Democrata* agradece o convite que tambem lhe foi dirigido.

A AUDITORIA

Está ainda por solucionar esta questão, que oportunamente levantámos e á qual o sr. governador civil se não resolveu dar uma saida.

Não é demais dizel-o, que não nos move qualquer animosidade contra a pessoa do sr. dr. Cherubim Vale Guimarães; mas é preciso afirmar que sendo este cavalheiro absoluto e ostensivo inimigo das instituições não podêmos, sem o nosso mais vivo protésto, vêl-o investido dum cargo de confiança déssas mesmas instituições.

Se não findou, bréve está a terminar o ano de validade da nomeação de auditor substituto, logar que, como se sabe, é desempenhado pelo referido sr. Guimarães, que em abono de verdade se diga, já declarou desejar exonerar-se *por não considerar-se merecedor déssa confiança!*

Bem insuspeita se torna esta declaração e a não haver outras preponderantes razões bastaría éla para superiormente estar ha muito resolvido este assunto, na conformidade com os desejos da opinião republicana que aqui fielmente interpretâmos.

Chamando de novo a atenção do sr. governador civil para o caso, ficâmos á espéra que s. ex.ª, sem ofensa para ninguem, defina brevemente a situação, que não agrada, nem póde continuar.

A QUEM COMPETIR

Não descancêmos.

Os cinco individuos que precipitada e simultaneamente abandonaram esta cidade na vespera, á noute, do ataque de Chaves, isto é, da invasão da fronteira da Patria pelos traidores armados e municiados com armas, artilharia, polvora e balas, fabricadas no estrangeiro, esses cinco individuos, embora tentem justificar, com a mais natural aparencia, as razões da sua fuga, que não foram outra cousa, não pódem. A prisão dessa gente, exclusiva e sómente por esse motivo, seria mais que justificada, visto êles proprios provárem estar comprometidos no plano infamemente invasor é portanto reus de egual traição, de egual crime.

De contrario, não fugiriam.

Absolutamente incontestavel esta razão.

Já o dissémos e não nos cançâmos de repetir.

Se não ha provas absolutamente juridicas, ha indiscutivel numero de dados de ordem moral, de agora e de então, dos quaes perentoriamente o mais ignorante conclue a sua culpabilidade no movimento.

Não ha duas opiniões contra este raciocinio, concludente, logico, inconfundivel.

E' claro que quem conspira, e de mais a mais com a pratica experimental de crime identico, não chama testemunhas e rocede com a criteriosa e preventiva cautéla, de forma a não deixar provas.

Que nos importam as suas negativas, as explicações e até as cartas que o chefe do movimento, velhaco e cinico, escreveu a sangrar-se em saúde? Por ventura, para nós, para a cidade inteira, que tem os olhos postos nésta questão, tem algum valor esse *truc* executado, quando, para quem não fosse absolutamente tolo, previa o fracasso completo da infamia, desfeita em principio pelas balas certeiras dos bravos defensores de Chaves?

Se esperassemos que todos os criminosos confessassem os seus crimes para punil-os, não haveria uma condenação.

Não ha, pois, que vacilar.

O passado dessas creaturas, o facto iniludivel da sua culpa, demonstrada da maneira mais autentica e indiscutivel—na sua fuga; as suas proprias declarações **de que o vivo desejo seria a restauração da monarquia para sua vingança;** toda essa série de indicações e provas indirectas, que géram e alimentam no espirito público a crença indistrutivel da culpabilidade e parte tomada na nova traição á patria por esses individuos, é já mais que prova, é já—condenação!

A Patria precisa vêr os seus renegados filhos expulsos do seu seio!

Justiça, justiça!

Asilo-Escola

Vai êste ano para a praia da Torreira, a secção Barbosa de Magalhães do asilo-escola distrital a quem uma comissão de banhistas oferece casa e passagem gratuita, além duma remuneração á musica pelas vezes que lá tocar.

E' este um acto de filantropía digno de registo, tanto mais que não tendo a câmara recursos, privadas ficávam as creanças de passarem a estação calmosa fóra do asilo onde, por mais comodidades que tenham, não ha aquele ar puro e salutar duma praia, que as torna fortes e sádias.

Bem hajam, pois, os banhistas da Torreira.

HORA DA JUSTIÇA

O julgamento dos conspiradores

No tribunal militar de Chaves é condenádo D. João de Almeida e outros cumplices

Estâmos no epilogo

Principiáram sábado a ser julgados nos tribunaes militares, os presos acusados de rebelião e para os quaes o govêrno tem, em Leixões, um navio pronto a receber todos quantos se reconheça estarem envolvidos nos ultimos acontecimentos e por isso sejam condenádos.

O primeiro a comparecer perante o conselho de guerra foi, como é sabido, o cabecilha D. João de Almeida. Apresentou-se arrogante, sobranceiro, provocando a sua atitude um cérto borborilho no público que assistia á audiencia, enchendo por completo a sala do tribunal.

Depois dêste constituido e preenchidas todas as formalidades legaes, entra-se na discussão da causa, lendo o secretario do conselho o libélo acusatorio, assinádo pelo comandante do sector da defêsa entre o Mente e o Cávado, e que é do seguinte teor:

Visto o artigo 1.º do decreto de 8 de julho de 1912; considerando que João de Almeida Correia de Sá, de 45 anos de edade, solteiro, natural de Lisboa, foi aprisionado no dia 8 do corrente em territorio português, perto de Outeiro Sêco, concelho de Chaves, armado de espada e pistola e montado num cavalo; considerando que o arguido tem permanecido em Espanha, nomeadamente na cidade de Verin, conspirando contra a Republica Portuguêsa juntamente com outros portuguêses com o fim de tentar restaurar a fórma de govêrno monarquica e ainda fazer incursão armada em Portugal, como de facto fizeram nos dias 7 e 8 do corrente, achando-se por esse facto incurso no n.º 1 do artigo 1.º da lei de 30 de abril de 1912; considerando tambem que o arguido foi aprisionado, sendo encontrado desligado de qualquer força ou grupo, andando em serviço de exploração, com o fim de praticar espionagem, crime previsto e punivel no artigo 56, n.º 2, do Codigo de Justiça Militar; considerando ainda que o arguido é tambem indicado como autor do crime de assassinio na pessoa de José Carvalho, soldado n.º 54, da 8.ª companhia da circunscrição sul da guarda fiscal, em serviço em Soutelinho da Raia, no dia 2 de outubro do ano findo, estando por isso incurso no artigo 351, condições 3.ª e 4.ª do codigo penal; considerando mais que teem conhecimento dos factos apontados, Manuel Joaquim Carneiro, 2.º sargento da 4.ª companhia do 2.º batalhão do regimento de infanteria 19; soldados Albino Adriano, n.º 114, e Francisco Antonio Pinheiro, n.º 151, ambos do 2.º esquadrão do regimento de cavalaria n.º 6; Aires Alves, de 18 anos, solteiro, lavrador, residente em Redondêlo; Anibal Ideal, de 17 anos, solteiro, residente em Redondêlo, concelho de Chaves; Antonio Sergio de Figueiredo, de 41 anos, casado, cocheiro, residente em Chaves, e Antonio dos Santos Peixe, solteiro, de 28 anos, segundo aspirante do quadro telegrafo postal, residente em Chaves, os quaes pódem depôr como testemunhas, determino que se constitua o tribunal nos termos do paragrafo 1.º do artigo 337, do codigo do processo criminal, e conforme o decreto de 8 do corrente, a fim de julgar o mencionado João de Almeida de Sá pelos crimes que lhe são atribuidos.

Finda a leitura do pequeno libélo, segue-se o interrogatorio do reu, que apenas respondeu ás primeiras perguntas do juiz, recusando-se terminantemente a entrar em detalhes do crime de que é acusado. Depois falam as testemunhas, por cujos depoimentos se prova ter D. João de Almeida conspirado, espionado e sido cumplice no assassinato do guarda fiscal, perpetrado na fronteira vai para um ano; realisam-se os debates e por fim, *em nome da Lei e da Republica* é proferida a sentença que condéna o chefe realista a **6 anos de prisão maior celular seguidos de 10 de degredo, ou na alternativa de 20 anos de degredo em possessão de primeira classe.**

Em todo o país póde afoitamente dizer-se que foi jubilosamente recebida esta sentença.

Começáram os corvos a expiação dos seus crimes. Que para êles não haja piedade visto que de nada lhes valeu as multiplas generosidades da Republica desde a primeira hora em que foi implantada.

* * *

Acompanhado pelo capitão Maia Magalhães, tenentes Viléla e Vitorino Godinho, o condenádo veio imediatamente para o Porto, de automovel, onde chegou na madrugada de domingo sem que ninguem esperasse, tal o segredo que em volta da sua transferencia se fez.

Deu entrada no transporte *Cabo Verde*, ali ancorado, e lá se encontra aguardando outros companheiros com os quaes seguirá o seu destino, dentro em breve.

* * *

No mesmo tribunal foi já condenádo tambem em identica pena o conspirador Domingos Raimundo da Cruz Junior, ex-continuo do Liceu Rodrigues de Freitas, do Porto, devendo os julgamentos proseguirem no Porto, Braga e Coimbra, onde estão formados os conselhos que funcionarão em todos os dias uteis.

Nomeação afrontosa

Transcrevêmos do nosso coléga *Bairrada Livre*, de Anadia:

No passado domingo realisou-se na sala do *Centro Escolar Democratico* uma reunião das comissões municipal e paroquiais administrativas, com o fim de protestarem contra a nomeação do ex-director da Escola Agricola desta vila para o logar de membro da comissão de avaliação da propriedade rústica e urbana.

Pouco depois das 12 horas achavam-se na sala membros de todas as comissões do nosso concelho representando as respectivas colectividades de que fazem parte.

A reunião decorreu com muito interesse, notando-se em todas as pessoas um visivel ar de indignação e de protesto contra o escandalo que representa a nomeação do sr. Navarro Lôbo para um logar de tanta importancia e que exige condições de rectidão e moralidade que daquele sr. se não podem esperar, pelo seu passado irregularissimo de funcionario publico.

Presidiu á sessão o sr. dr. Antonio de Oliveira, que escolheu para secretários os srs. José Rodrigues da Conceição e o director deste jornal.

Aberta a sessão, diversos cidadãos usaram da palavra, sendo por ultimo aprovado por aclamação que fosse a Lisboa uma comissão delegada das corporações ali reunidas, entregar ao respectivo ministro, uma representação expondo as razões do protesto e pedindo a anulação do despacho. E logo foram eleitos para constituir essa comissão, os srs. dr. Julio Sampaio Duarte, presidente da comissão municipal politica; Bernardo Morais membro da câmara municipal, que vai representar esta colectividade; Franklim Duarte e o director dêste jornal.

A comissão municipal politica reune ámanhã afim de tratar do assunto.

O *Democrata* associando-se ao protésto dos bons republicanos de Anadia, não póde deixar de estar com êles porque sempre combateu e combate nomeações que afrontam a Republica e são uma provoção aos sentimentos democraticos dos que sempre com éla estivéram, ainda nas ocasiões mais dificeis e espinhosas de atravessar.

O proprio sr. Navarro Lobo se hade convencer da razão que assiste aos nossos correligionarios, que se julgam intimamente magoados com a sua nomeação. Com certeza êles pensam como nós: não querem nos logares onde possam exercer preponderancia, homens de quem a Republica só recebeu agravos na oposição, traduzidos as mais das vezes em actos de propaganda contra os seus homens mais eminentes, quando não contra os modestos obreiros que lhe dávam patriotica e desinteressadamente o seu esforço para a conduzir á vitoria.

O caso de Anadia não é unico. Mas nem por isso se deve deixar de protestar e pedir ao govêrno que não entregue a Republica nas mãos dos seus inimigos.

APRECIAÇÕES

Mereceu a honra dum reparo, da pena autorisada do sr. Humberto Beça, quanto aqui escrevêmos sobre a conduta de Paiva Couceiro em frente de Chaves, quando do seu ataque a esta vila.

Acertou o sr. Beça na parte relativa á nossa autoridade militar, que não a temos, quando é certo que já não sucede o mesmo com o referido cavalheiro.

Todavia o caso que apreciámos, não implica nem um plano largamente estrategico, que exigisse para o traço das suas bases principaes, o conhecimento experimentado de abalisados cabos de guerra, nem até o mais simples plano de ataque ou movimento envolvente por parte dos invasores, quando antecipadamente havia o conhecimento absoluto de que não existiam forças regulares de espécie alguma, na vila, como se vê no reforço ao nosso argumento que o sr. Beça nos trouxe—*Couceiro esperava o pronunciamento prometido na praça assediada.*

Limitâmos, porém, o assunto, ao ponto essencial da nossa controvérsia, para o qual, atenta a sua tão manifesta simplicidade, não será preciso apelar para conhecimentos militares, pois nêsse campo teriamos de emudecer na discussão.

E' claro que, como nós, o sr. Beça discute a acção de Couceiro sob um aspecto que reputa verdadeiro, ainda que os factos evidentes e indiscutiveis dos acontecimentos lhe não deem razão, na maior parte.

A nossa suposição é todavia mais verosimil, estribada no desenrolar da propria acção em frente de Chaves.

Pondo de parte, como dizemos, todas as considerações que sugérem os episodios provaveis da luta, conforme as suas fáses, que o sr. Beça tão ponderada e autorisadamente descreve; não discutindo a ordem para a saída total das forças da guarnição, que o proprio capitão Maia Magalhães, se não nos enganâmos, condéna na sua ultima carta publicada nos jornaes da capital, quando diz: *as ordens superiores cumprem-se sem discussão—pois que a responsabilidade délas cabe intacta á sua proveniencia*; sabendo, portanto, Couceiro, que Chaves estava desguarnecida por completo e lá tinha os seus apaniguados,—que restava a Couceiro fazer?

Avançar, entrar, atingir o seu objetivo sem um momento de vacilação, sem um gesto de receio.

Evidentemente, nisto se resumia a sua acção, naquêle momento, para êle, tão importante e tão decisivo, quando lhe não faltava um efectivo numeroso e bem armado, protegido até por artilharia, forças que, levadas para dentro de Chaves após a sua chegada, teriam tido tempo de sobra, não só para a sua posse completa, como para a respectiva defêsa, perante o ataque certo das forças que retrocederiam.

Qualquer recruta, ou mesmo a nossa humilde pessoa, nas condições de Couceiro, salvo seja, com a importantissima vantagem do conhecimento da ausencia das forças inimigas, o teria feito sem trocar um tiro talvez!

E sem trocar um tiro, porquanto nem de Chaves pela aproximação de Couceiro tinham dado, pois a noticia da sua vinda tivéram-na pelo pobre leiteiro que, a correr, levára a triste nova!

Essa heroica e valorosa defêsa da vila, proporcionou-a Couceiro, estacando em frente de Chaves e dando tempo de sobra a que éla se organisasse, estando ali sete horas, deixando-se dizimar estupidamente, contentando-se em atirar granadas para a praça, por mantinha a sua linha de defêsa pa-

ra dentro do limite da artilharia, que esta não prejudicava, sem se lembrar, o *bravo* capitão, do regresso das forças, que certamente teriam sido avisadas da sua presença e ainda, segundo nos diz tambem o sr. Beça, esperançado no pronunciamento que se devia dar, e que, com Couceiro á vista e a vila desguarnecida militarmente, como muito bem sabia, não se deu na primeira, na segunda, na terceira e na quarta hora apezar da evidente demonstração da sua gente ali!!!

Decorrem ainda mais tres horas e Couceiro, sempre á espera do pronunciamento, não se move, não tenta sequer um golpe decisivo, não se recorda da possibilidade da aparição subita de reforços. Só quando entra em linha de combate, arrazando-lhe o efectivo já reduzido a nossa artilharia, ao passo que a infanteria desenha um movimento claramente envolvente—o grande capitão é que acorda do seu pesadelo, resolve abandonar o campo e numa deban ada vergonhosa e medonhamente confusa, recúa, antes que lhe fechem a retirada, bradando—*salve-se quem pudér!*

Que classificação deve ter quem assim procéde?

Que titulo, que designação merece o dirigente de tal feito?

Entre muitos póde ter o de estupido, que apenas pecará por existirem outros sinonimos talvez mais precisos, mais sintéticos.

E nisto, exclusivamente nêste ponto, resumimos a nossa argumentação comprovativa de que não errámos chamando estupido ao famoso cabo de guerra, que só não lhe sucedeu o que a muita gente sucéde ganhando fama e deitando-se a dormir...

Este ganhou a fama, mas deitou... a fugir!

E a fugir, porque, e néssa parte concordâmos com o sr. Beça—os monarquicos de Chaves teriam sido uns cobardes se de facto lhe prometeram a adesão—mas, e nêste ponto o sr. Beça concorda comnosco—o proprio facto citado vem reforçar o nosso argumento: decididamente Paiva Couceiro deu provas de ser um estupido!

E deu-as de sobejo, sr. Beça, corroboradas na realisação dos factos que as demonstram duma fórma insofismavel e inconfundivel.

Acabou-se a lenda!

S. THOMÉ

Aos nossos presados assinantes désta parte da Africa a quem de novo enviámos á cobrança os recibos dos seus debitos, vimos pedir a fineza de os satisfazerem logo que lhes sejam apresentádos, afim de nos evitarem o aumento de despezas que, como muito bem devem compreender, são enormes, chegam a ser êxtraordinarias.

Áquêles que prontamente nos enviaram a importancia das suas assinaturas, quer em vale do correio, quer por intermedio de terceiras pessoas, aqui lhes deixâmos consignados os nossos agradecimentos.

Revista militar

Pelo sr. general da 5.º divisão, que na segunda-feira estêve em Aveiro, foi passada revista ao regimento de infanteria 24, na esplanada do Côjo, onde formou com a respectiva banda.

S. ex.ª seguiu na manhã do dia seguinte para Agueda.

NOTAS DA CARTEIRA

Estivéram estes dias em Aveiro, os srs. José Lopes de Matos, residente no Porto; Jezuino Simões Maia, Antonio Borges e Artur Sergio, nossos dedicados correligionarios de Vila Nova de Gaia; dr. Samuel Maia, de Ilhavo; Casimiro de Almeida Barreto, administrador na Pampilhosa da Serra; João Ferreira e Manuel Nunes Ferreira, de Lisboa; Manuel Simões Dias Pereira, Joaquim Soares de Figueiredo e Castro, Antonio Dias Pereira Junior, Antonio Valente, deputado e Manuel Nunes Branco, redactor do nosso coléga A Patria, *de Ovar, etc., etc.*

═ *Com sua esposa partiu hoje para o Luso, o nosso presado amigo, dr. Eduardo Silva, digno professor do liceu.*

═ *Regressa ámanhã de Vale da Mó á sua casa da Taipa, o sr. Antonio Simões Jorge, que ali se encontrava fazendo uso das aguas.*

═ *Partiu hoje no rapido da manhã, para Vila Franca de Xira, o digno administrador do concelho de Aveiro e comissario de policia, sr. Beja da Silva.*

═ *Para a Costa Nova e acompanhado de sua familia, segue ámanhã a passar a época balnear, o nosso amigo, Barão de Cadóro (Carlos).*

Pelo "Quelhas,,

Sabêmos de fonte segura que o resumido numero de adéptos do *Quelhas*, atendendo á decadencia manifesta daquéla outr'ora magnifica *egrejinha*, da arcada, resolveu, numa reunião á horas convocada para esse fim, constituir a respectiva comissão cultual, em harmonia com a lei da Separação, de fórma a poder exercer-se ali o culto, chamando ao respectivo gremio as desgarradas ovelhas que abandonaram o templo, umas por cautéla, outras por espertêsa e a maior parte ainda pela reconhecida existencia da tal boraqueira, um pouquito abaixo das costas. E quando estas não estão quentes, de ordinario sucéde assim.

Durante a reunião, que foi morosa, apresentaram-se diversos alvitres de fórma a evitar-se a adóção do ultimo recurso, que, afinal, foi o aceite pela força especial das circumstancias.

Alguem lembrou a aquisição dum bom gramofone, empregando-se discos com cançonêtas e recitativos retintamente vermelhos—muito mais vermelhos do que nós—mas a proposta foi abandonada de pronto, com o pretexto de que tomassem a medida á conta da imitação e concorrencia com os Armazens do Chiado—paredes meias.

Indicada foi tambem a realisação de conferencias ou de palestras, sob diversos têmas, pelo confrade *Bébes*.

Podia reeditar o substancioso e apimentado discurso da Fogueira, o famoso puxavante—não confundir com o instrumento que os ferradores empregam para aparar os cascos aos cavalos—que resultou ao *Bébes* uma das mais espantosas e abundantes ingestões de liquido obtido pela fermentação do sumo da uva, e suas consequencias, nas quaes teve de intervir o pau e a corda, como unica solução para o estado comatoso do orador!...

A não ser isso podia haver uma *reprise* das conferencias socialista-épico-murtusaicas-calinaceas-vinicolas — lembrou-se alguem; mas nem um nem outro alvitre foi aceite.

Argumentaram sobre a inconveniencia, pela possibilidade de convergir para o *Quelhas* os fieis da capéla da *Senhora da Armonica*, fechada tambem ao culto por questões da lei da Separação... com a câmara municipal!

Apresentaram-se outros eleitores, mas ainda que nada ficasse definitivamente assente, parece resolvido que será pedido ao *Rainha*, que permita por algum tempo a transferencia do orgão da egreja da Misericordia para o *Quelhas*, a realisação duma semana santa no fim do mez corrente, com a respectiva venda de amendoas, para nélas a cristandade adoçar as amarguras das tristes recordações daquêles dias; empregar todos os esforços para conseguir licença, com a declaração perentória por parte do requerente, que póde o respeitavel público estar á vontade, traje de passeio e chapeu na cabeça, para realisar-se o respectivo prestito, que, saindo pela frente, porta principal, entre por traz, circundando apenas o edificio.

No prestito devem incorporar-se as figuras primaciaes que costumam abrilhantar o acto com a sua presença: o *Japão, Chico Tezo* e outros varões assinalados.

Para a realisação dêste programa, preciso é que se constitua a indispensavel comissão cultual, para o que nos consta estão fazendo a selecção dos mais afeiçoados amigos e protétores do *Quelhas*, afim de ser apresentada a lista á aprovação superior.

Congratulâmo-nos com o facto que nos convence que de todo ainda se não apagou a fé nêste vale de lagrimas por onde andâmos...

Ad majoram dei gloria!

Festa com desgosto

No pretérito domingo festejou-se no logar de Mamodeiro, como de costume, o *milagroso* Santo Antonio, que, lá pelos modos, livra a gente de sezões depois de morta, os carneiros de serem perseguidos das pulgas e outros milagres que taes.

Qual não foi, porém, o desgosto de aquéla gentinha ao ser-lhe negada licença para a procissão!

Doêstos, sarcasmos e maldições tudo caíu sobre o regedor, que, no dizer dos *entendidos*, foi o principal causador de o *santinho* não dar o seu passeio anual, e as raparigas não exibirem as suas *toiletes* garridas, como as capas dos toureiros.

Festa sem graça nenhuma, dizia um; querem acabar com a religião, argumentava outro, e um terceiro fechava o *debáte* concluindo: *o culpado foi o regedor.*

Cada qual tem o seu modo de pensar, e por este principio seja-nos permitido expôr a nossa opinião de que o govêrno devia obrigar o povinho a fazer festas, mas com a condição duma despeza nunca inferior, em caso algum, a 200$000 reis.

Só resta agora que o sr. governador civil não se compadeça do regedor conservando-o no logar. Porque além campa está êle sentenciado á pena minima... de dez acéssos de febre em cada dia!...

O *santinho* julgou bem...

De Leiria

Vindos da cidade do Liz, são esperados no domingo em Aveiro os alunos da Escola Industrial dirigida pelo arquitéto Ernesto Korrodi.

Visitarão o muzeu e a fabrica de porcelana da Vista-Alegre, depois do que retirarão de novo, na segunda-feira, para a terra que tem junto aos seus muros o maior monumento de arte que conhecêmos—o mosteiro da Batalha.

O tempo

Corre irregular e improprio da época que atravessâmos.

Nem parece que entrámos em agosto, mez das praias e do calor, que é coisa que ha muito se não sente.

Se isto assim continúa o melhor é mudarem o calendário...

DE OLIVEIRA DE AZEMEIS

A ENTREGA

(Continuação)

O sr. administrador do concelho não póde entregar, sem praticar um acto indecoroso, indigno, a direcção do partido republicano local a quem, como o sr. escrivão Andrade, afirmou que nos cofres do municipio—cofres que só devem servir para o bem comum—hade entrar as unhas aduncas e negras das administrações monarquicas, que dos cofres do municipio se continuará a fazer a gaméla politica.

Esta declaração dum antigo chefe politico, feita num periodo de tranquilidade de espirito, desenha nitidamente a alma patriotica do seu autor, desmascára bem as esperanças que teem de fazer da Republica a monarquia dos adeantamentos, visto a sua restauração ter-lhes ficado mergulhada num espesso nevoeiro de incerteza após a derrota dos salteadores patrios, após a fuga do Paiva Couceiro. E o sr. administrador do concelho que de tudo isto era sabedor, continuou no seu trabalho de capitulação vergonhosa, tendo por unico objectivo a esperança de recompensa na colocação dum logar rendoso, mas num logar que ultrapassasse muito ao largo as suas habilitações, os seus recursos de competencia.

Baseado em factos désta ordem, não tenho nem repugnancia nem receio de dizer bem alto que o sr. administrador tem sido ultimamente um traidor para todos os republicanos que amam desinteressadamente a Republica.

Estou convicto de que lhe ha-de acontecer como a todos os traidores de um ideal que apenas teem conseguido derrubar, aniquilar alguns dos seus defensores e retardar um pouco o seu desenvolvimento pratico, a sua transformação em factos, a sua realisação; mas tambem estou convencido de que o potencial do sr. Fernão de Lencastre é insuficiente para derrubar aquêles que no seu peito escreveram com letras de honra a defêsa da Republica. De todo o seu trabalho alcançará apenas a paralisação temporaria nêste meio da marcha sublime da justiça equitativa, dos principios democraticos.

Os republicanos sincéros não o acompanharão numa politica deshonesta, de imoralidades; não consentem que da Republica se faça uma monarquia, nem nunca permitirão sem estrondosos protestos que se traduzam em realidade aquélas frases que Alexandre de Albuquerque, o artilheiro civil de Paiva Couceiro, escreveu no seu jornal e no tempo da monarquia—*A diferença entre Re ublica e Monarquia é a diferença que vae dum presidente de corôa a um de chapéu de côco.*

Os republicanos sincéros dêste concelho hão-de continuar a mesma lucta de principios até que a alma monarquica desapareça ou pelo menos não movimente os seus devassos sentimentos. Os verdadeiros republicanos oliveirenses amam a Republica com tanto amor que não posso admitir que num mesmo grito de revolta, num mesmo gesto de cólera não se unam todos ao vêr abraçal-a em amplexo de lupanar.

Todos os sincéros republicanos não consentem no laço nupcial que o sr. administrador do concelho quer fazer entre a Monarquia e a Republica. O que todos querem é que dos antigos campos politicos venham unir-se-lhes, para trabalhar fraternalmente pelo bem do nosso país, todos os que não tenham manchas vergonhosas sobre o seu passado politico e que estão dispostos a trabalhar desinteressadamente pelo bem do nosso país.

E' preciso que não se repita, e mesmo fazer esforços por desmanchar, o que se fez ha bem poucos dias com o jantar politico que oferecêram ao deputado Barbosa de Magalhães. Nunca deveriam ter convidado reconhecidos *talassas* para esse festim nem tão pouco ter lançado ao esquecimento velhos republicanos, porque é da mais rudimentar noção de democracia, de Republica, não consentir nas nossas festas intimas a reacção, os inimigos da Republica, e não se esquecer de chamar com todo o sincero interesse os nossos irmãos no ideal, os nossos velhos companheiros de lucta e os que ao encostarem-se aos nossos peitos pela primeira vez nos fazem sorrir de contentamento a alma. Assim veremos as nossas fileiras engrossarem dia a dia sem que o punhal do Judas se esconda no mais humilde dos companheiros, sem que nos sintâmos vergastados pela aragem cortante da hipocrisia facinora.

A convidar *talassas*, como convidaram para esse jantar, tambem não deviam convidar republicanos, porque esse convite, que algumas vezes não póde ser recusado atento á pessoa do estrião da festa, vae magoar os sentimentos dêsses nossos correligionarios que forçosamente teem de ir.

Convidem *talassas* á vontade para festas republicanas, mas não vão depois esfaquear, com imoralidades, os sentimentos nobres dos cidadãos honestos, que ao transporem o lemiar da sala do festim sentiam arrepios e nauseas.

Sinto-me devéras satisfeito por não se terem lembrado de mim para esse jantar, porque obrigar-me-iam a ser indelicado para o cidadão Barbosa de Magalhães, não indo assistir á festa dada em sua honra.

Agora sinto-me apenas triste pela figura que alguns correligionarios—autores da festa—fizeram.

A cegueira ambiciosa duns conspurca muitas vezes os sentimentos doutros.

31—VII—912.

O medico, **Lopes de Oliveira.**

Padaría Macêdo

Abriu já na Costa Nova esta acreditada padaría, propriedade do nosso amigo Manuel Barreiros de Macêdo.

Néla encontrarão tambem os frequentadores da aprazivel praia, alguns artigos de mercearía, com especialidade chá, café e vinhos finos, que ali se vendem por preços excessivamente modicos.

Necrología

Pelo falecimento de sua estremosa mãe, a sr.ª D. Maria Hedviges Leitão de Eça e Leiva, está de luto o sr. João Ermilio Ferreira de Eça e Leiva, subchefe fiscal dos impostos, atualmente em Viana do Castélo, a quem por esse motivo enviâmos o nosso cartão de sentimentos.

VENTOSAS

Anda tudo em polvorosas,
tudo de nariz no ar
por que as noticias famosas,
que eu tenho para lhes dar
não disse em duas ventosas.

Todos sabem! é da lei.
Não sabem se o sabe alguem,
dizem que sabem que errei,
mas o que eu sei é, tambem,
que ninguem sabe o que eu sei

Ha berros, murros na mesa,
Chega-se a vias de facto
na discussão mais acêsa
e só se volve ao boato:
el' despediu-se á franceza...

Ora á pergunta indiscreta
do nosso Arnaldo Ribeiro:
p'r'onde foi o *Mijareta?*
Respondo: foi p'ró Couceiro
sentar praça de corneta...

* * *

Padres

Desde que existe quem, com mais autoridade do que nós, os sabe defenir, apresentando-os taes quaes são, sería da nossa parte um contrasenso se, em auxilio da propaganda liberal, nos não aproveitassemos dêsses valiosos elementos, trazendo-os para as colunas do *Democrata*, tão dignos são de nélas figurarem. Assim, entre o muito que se tem escrito sobre a missão do padre, vejâmos o que diz tambem o reverendo Camilo de Oliveira no seu livro intitulado *O padre e a Republica:*

E' profundamente degradante o quadro moral do *catolicismo* atual! Chega a ser demencia o que para aí se faz e se diz sob pretexto da chamada religião de Cristo. Os padres *(pais* no setido etimologico) são apenas exploradores banais, mas audases, do fanatismo religioso. O céu, o purgatorio e o inferno são para êles tres mercearias donde vão fornecer os seus freguezes; os padres são os proprietarios *habilitados*; e não consentem que se compre nada em tenda alheia. Dizem êles:

—Queres que a alma de teu pae vá para o céu? Cem ou duzentas missas a dez tostões cada, são remedio seguro.

—Queres que teu filho entre para o gremio da egreja, fóra da qual não ha salvação? Faz-se o batisado baratinho.

—Queres *desobrigar-te* pela quaresma? Paga-me os direitos paroquiaes.

—Queres comer carne em certos dias? Compra a bula de tal preço.

—Queres vêr-te livre de certas restituições? A bula te valha.

—Queres casar? Custa tanto.

—Queres enterrar os teus? Ha *responsos*, ha missas cantadas, ha altares forrados a preto, padres a *ensurdecerem* o defunto com salmos cantados, cantarolados, resados ou omitidos.

—Queres-te confessar? Anda cá, minha filha espiritual. Não tens herdeiros forçados? E's rica? Pois porque não me deixas herdeiro dos teus haveres? Não vês que eu me encarrego de salvar a tua alma?

São os taberneiros da divindade para os freguezes. Para os que não frequentam a sua taberna, para os que êles chamam ateus, o processo é outro. São carrascos da misericordia divina. Chispa-lhes no olhar o odio esverdeado e do bento boqueirão dum cura de Santa Cruz sáem estes trovões:

—Não vais á missa? Estás no inferno a arder.

—Morres sem sacramentos? O teu cadaver, como o dum cão, não terá sepultura. Aceito as missas por tua alma *por causa das duvidas.*

—Não acredita sem tudo isto? Estás excomungado. Como tal, não podes conviver com ninguem; vai para uma jaula de leões...

No dominio stritamente espiritual, a vingança é só esta. Quando conseguem o poder temporal, quando mandam no paço real, a *piedade* religiosa dêstes malvados inventa as forcas, acende as fogueiras—degola e queima. Mas na leva vão filhos, esposas e paes dos herejes. *Ad majoram dei gloria!*

Que ninguem os pérca de vista, acrescentâmos nós.

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

AGOSTO	
DIAS	PHARMACIAS
4	LUZ
11	RIBEIRO
18	ALLA
25	BRITO

CORRESPONDENCIAS

Pará, 15 de julho

Tendo-se realisado no dia 22 de maio ultimo a eleição para renovação do terço dos vogaes da Intendencia (Câmara Municipal), cujo apuramento teve logar no dia 7 do corrente a favor dos partidos paraense e federalista, o partido conservador *Lemista* tentou fazer grande oposição aos vencedores de que resultou serem disparados alguns tiros de revolver e pistola pelos *capangas lemistas* contra o povo, sendo tambem disparado um tiro contra o sr. Virgilio de Mendonça, intendente municipal, na ocasião em que já se achava dentro do carro, junto ao chefe de policia, para seguir para a sua residencia.

Nesta ocasião, o solicitador Manfredo Lamberg subiu ao estribo do veículo e pôz-se na frente do intendente, tendo-o a bala atingido.

O segundo tiro pelo mesmo bandido, foi atingir o sr. Ernani Martins, filho do coronel Teodomiro Martins.

Foi então que o tiroteio se generalisou, durante mais de cinco minutos, tendo saído feridas diversas pessoas e tendo sido tambem interrompido o serviço dos carros elétricos junto ao palacio da câmara.

O corneteiro-mór do corpo auxiliar deu o sinal de sentido e de aquêle corpo saíu uma força para manter a ordem, cercando imediatamente o edificio da câmara.

No flanco direito do mesmo edificio esteve uma força do 5 de artilharia.

Das pessoas feridas, em numero de 8 ou 9, não consta, até á data, que alguma tivesse falecido, apesar da gravidade dos ferimentos.

Escusado será dizer que nêste pleito, tanto municipal como de deputados e senadores estadoaes, coube a maioria ao partido *paraense coelhista*, em primeiro logar, e em segundo logar aos federalistas-*lauristas*, restando, portanto, ainda fazer-se o apuramento das eleições para deputados e senadores.

Convém frisar, que néssa ocasião, o povo, exaltado, rasgava a *Provincia do Pará*, tanto da mão das pessoas que a compravam como da mão dos vendedores, pois lhe era tirada á força.

═Realisaram-se no dia 8, no *Centro Republicano Português*, as eleições para a nova directoría que ha-de gerir os negocios do mesmo, desde 14 de julho corrente até julho de 1913, cuja posse lhe foi dada ontem, assistindo, entre outras pessoas, o sr. José Soares, consul português e uma comissão da *Liga Portuguêsa de Repatriação*, que foi ali receber o donativo de 500$000 reis ofertado pelo mesmo *Centro* para ser aplicado em beneficio de repatriação dos portuguêses que se achem doentes e sem recursos.

A nova directoría ficou assim composta:

Presidente, José Torres Correia de Almeida; *vice-presidente*, Joaquim Aguiar da Veiga; *tesoureiro*, Francisco de Sousa Raposo; *1.º secretario*, Antonio Gomes da Silva Reis; 2.º *dito*, Abilio A. Teixeira; *vogaes*: Domingos José de Souza, Antonio Nunes Carreiro, Carlos Ramos e Antonio de Souza Perpetuo.

Assembleia geral: *Presidente*, Manuel Rodrigues Pereira; *1.º se-*

cretario, Adelino da Silva Gil; 2.º *dito,* José Julio Ferreira Godinho.

O sr. Torres Correia de Almeida e o sr. Joaquim Aguiar da Veiga, Abilio Augusto Teixeira e um outro vogal não aceitáram os cargos para que fôram eleitos.

C.

Cacia, 29 de Julho

Com destino a Coimbra. embarcou hoje no comboio das 9,3 o nosso querido amigo sr. Agostinho Rodrigues Béla. Conta demorar ali pouco tempo, o que muito estimâmos, pois éra o nosso leal companheiro de sempre.

Pela sua viagem feliz, fazemos votos sincéros.

= Já se encontra entre nós, o nosso respeitavel e sincéro amigo, sr. Manuel Rodrigues Béla, que, como noticiei, estava para as Caldas de S. Jorge, fazendo uzo daquélas afamadas aguas.

Chegou bem, o que muito estimâmos.

= Como ontem se realizasse a festividade a Santa Maria Madaléna, em Taboeira, foi daqui muita gente, rapazes e raparigas, principalmente, assistir á béla noitada, sem duvida o melhor da festa.

Foi uma noite em cheio. As afamadas musicas de Angeja e S. João de Loure (velha), portaram-se á altura dos seus créditos. Tambem se exibiu um bom fogo prezo ha tanto tempo fóra da móda, mas que talvez esta vá pegar, devido á proibição do fogo de dinamite. Como não assistissemos á procissão do dia, e não tivéssemos pessoa que de alguma cousa nos informasse, nada podemos dizer a tal respeito.

= Faleceu ante-ontem na Quintã do Loureiro, a sr.ª Rosa Tramoça. O seu funeral, que se realizou ontem, domingo, foi muito concorrido.

A' enlutada familia as nossas condolencias.

= Os nossos dilectos amigos srs. Celestino Batista da Silva, Manuel Rodrigues Neta e José Rodrigues Néta realizaram ha dias,de bicicleta, um passeio ao Bussaco do qual regressaram satisfeitissimos devido ás impressões que colheram. Comprimentamol-os e felicitamol-os pelo seu feliz regresso.

= O tempo tem continuado á medida dos desejos dos nossos lavradores, e dos pobres, principalmente. Já começou a colheita do feijão das terras altas. E' rendosa bastante, segundo se presume.

= Para assistir ao julgamento do paroco désta freguezia, no proximo dia 5, consta-nos que vai daqui muita gente interessada em vêr de perto o sensacional procésso por transgressão da lei que separou a egreja do Estado.

C.

Castélo de Paiva, 28

A vitoria alcançada pelo exercito português ajudado por elementos civis, na fronteira, deu por aqui muito que falar, vendo-se a talassaria cabisbaixa como nunca.

Se não conhecessemos o concelho de norte a sul e de poente a nascente poderiamos ser iludidos por essa gente ou ainda pelos *caciques* e mandões da atualidade a quem mais uma vez recomendâmos o cumprimento da lei, que tão despresada tem sido nêstes sitios.

=Consta que um *talassa*, aqui falecido ha pouco, deixára escrita uma carta para os herdeiros cumprirem certas promessas a santos, dizendo assim no subscrito: fica ipso facto excomungado quem lêr esta carta. Diz-se que a carta fôra dada ao respectivo paroco, que a leu e por isso ficou... fóra da lei de Deus... o que não é para admirar...

= A falta de advogados nésta infeliz comarca está prejudicando o público em geral. Poderêmos dizer como se pode remediar semelhante falta.

— Por aqui é fraca este ano a produção do vinho comparativamente com a do ano findo.

C.

Pinheiro, 29

Conforme noticiámos realisaram-se aqui,nos dias designados, as festas em honra do apostolo S. Tomé, sendo dignos dos maiores elogios os festeiros, que se esforçaram o mais possivel para que fosse executado o programa com o maximo brilho. Como é costume, foi oferecido um bélo ramo de flôres artificiaes a cada uma das mordomas, as quaes com as suas *toiletes* frescas, empunhavam as bandejas com as respectivas fogaças, que de aí a pouco lhe tardavam a sêr distribuidas pelos vencedores das corridas. São dignas dos maiores encomios e parabens ás seguintes mordomas pela forma como se esforçáram para o brilhantismo que deram ao seu muito milagreiro santinho: Margarida Almeida dos Santos, Ana Henriques da Silva, Ana da Fonte, Felicia de Castro Barbosa, Maria Sequeira Pinto, Ana Martins Abreu, Maria do Carmo, Bebiana de Jesus, Julia Rodrigues de Bastos, Francisca de Castro Barbosa, e Rita Ribeiro Dias.

=No domingo passou á Ponte da Rata a excursão promovida pela *Sociedade Propaganda de Portugal*, sendo o 2.º passeio realisado por esta colectividade. Chegou de Anadia em diversos carros, seguindo depois em barcos, que a conduziu pelo rio Vouga até á pàteira de Fermentélos. Segundo nos informam limitaram-se apenas a admirar as bélas paisagens que se disfrutam nas imediações de Requeixo, regressando pouco depois a fim de partirem para Aveiro no comboio das 8.

= A' partida dos barcos fôram alvo duma grande manifestação por parte do povo,que assistia em grande massa á sua partida. Acompanhava-os um magnifico gramofone, fazendo-se ouvir a *Portuguêsa* e *Maria da Fonte* havendo retumbantes vivas á Republica e a Manuel de Arriaga, etc.

= Na quarta-feira passada morreu afogado, em S. João de Loure, um filho, de 8 anos, do sr. Joaquim Corrêa Sequeira. Aos paes da desditosa creança os nossos sentimentos.

=A fim de tomar parte numa pescaria e nas margens do poetico Vouga, encontram-se hoje no nosso logar bastantes cavalheiros que propositadamente vieram de Albergaria.

=Parte hoje para a Figueira da Foz na companhia de seu tio, o nosso amigo Manuel Marques da Fonte. Desejâmos uma feliz viagem.

= Encontra-se entre nós já ha dias o nosso amigo Alfredo Cezar de Brito.

= Hontem, na casa da sua residencia em Pardos, com um escolhido numero de amigos e familia, festejou o seu 53.º anniversario natalicio o nosso querido e bom amigo Francisco Correia de Sá e Mélo.

Aqui repetimos o que néssa ocasião lhe dissémos: permita Deus que outros tantos, no seio de quantos o estremecem o nosso respeitavel amigo possa contar.

São os mais intimos e sinceros votos que fazemos pedindo-lhe que de novo aceite vivos parabens.

C.